



A interpretação da natureza e sua aplicação por agentes do ecoturismo no Mato Grosso

The interpretation of nature and your application by ecotourism agents in Mato Grosso (Brazil)

Vinícius do Couto Carvalho, Flora Ferreira Camargo,
Marco Aurélio Leite Fontes

RESUMO

Em 1957 Freeman Tilden, em sua obra publicada e intitulada *“Interpreting our Heritage”* definiu interpretação como sendo *Uma atividade educacional que objetiva revelar significados e relações através da utilização de objetos originais, de experiência de primeira mão, bem como de mídia ilustrativa, ao invés de simplesmente comunicar informações factuais.* O propósito da mensagem interpretativa é inspirar e provocar os visitantes para que amplie seus horizontes. Estas são dicas, pistas chaves ou elementos de juízo, entre outros, que produzidas mediante o emprego de técnicas de comunicação efetivas e precisas, visam permitir mensagens impactantes e significativas. Para o produto turístico a interpretação é um componente essencial, sobretudo quando se apóia na cultura e em paisagens essenciais, ela possibilita aos visitantes conhecer e apreciar mais os lugares, podendo levá-los a prolongar sua permanência e estimular novas visitas. Desta forma, nosso trabalho visou avaliar o entendimento a respeito do conceito, princípios e práticas da interpretação da natureza por agentes envolvidos na cadeia do ecoturismo no estado do Mato Grosso. Para isso, formatou-se um questionário estruturado *online* (*Google Docs*), contendo nove questões, com quatro alternativas de resposta, onde formulou-se apontamentos coerentes e afirmações negativas pautadas nos princípios da interpretação da natureza. A amostragem deste trabalho envolveu 30 guias com registro no Cadastur como profissionais atuantes no segmento de ecoturismo no estado do Mato Grosso. Os resultados apontaram que a interpretação da natureza não é aplicada em sua totalidade pelos agentes da cadeia de ecoturismo, porque não há conhecimento e/ou entendimento do conceito em estudo, bem como sua fundamentação teórica e experiências de capacitação para o desenvolvimento nas atividades práticas. E quando aplicada não há clareza da fundamental importância de um programa interpretativo. O estudo apontou ainda a necessidade de expansão da aplicação metodológica a outros ambientes com prática do ecoturismo.

KEYWORDS: Unidades de Conservação; Planejamento; Atividades Sensibilizadoras; Guias.

ABSTRACT

In 1957 Freeman Tilden, in their published work and entitled "Interpreting our Heritage" defined interpretation as being an educational activity which aims to reveal meanings and relationships through the use of original objects, by firsthand experience, as well as illustrative media, rather than simply to communicate factual information. The purpose of the interpretative message is to inspire and lead visitors to widen your horizons. These are tips, hints or key elements of judgment, among others, which produced through the use of effective and precise communication techniques, designed to enable significant and impactful messages. For the tourist product interpretation is an essential component, especially when it relies on culture and in critical landscapes, It allows visitors to learn about and enjoy more seats, and may cause them to prolong their stay and encourage new visitors. In this way, our work aimed to evaluate the understanding regarding the concept, principles and practices of interpretation of nature for actors involved in the chain of ecotourism in the State of Mato Grosso, Brazil. For this purpose, a questionnaire formatted structured online (Google Docs), containing nine questions with four answer alternatives, where he formulated himself coherent and negative statements notes based on the principles of interpretation of nature. The sampling of this work involved 30 guides with the record as "Cadastur" working professionals in the ecotourism segment in the State of Mato Grosso. The results showed that the interpretation of nature is not applied in its entirety by the agents of ecotourism, because there is no knowledge and/or understanding of the concept under study, as well as its theoretical foundation and training experiences to development in practical activities. And when applied there is no clarity on the fundamental importance of an interpretive program. The study pointed out the necessity of expanding the methodological application to other environments with practice of ecotourism.

KEYWORDS: Protect Areas; Planning; Awareness Activities; Guides.

Introdução

A origem da interpretação do patrimônio se situa, de acordo com Murta e Goodey (2002), nos anos de 1950, nos Estados Unidos, tendo como base a preservação dos parques nacionais, quando o Serviço Nacional de Parques dos Estados Unidos estabeleceu de maneira sistemática sua prática, mas somente em 1957 foi tratada de uma maneira mais formal por Freeman Tilden, em sua obra publicada e intitulada "*Interpreting our Heritage*" em que define interpretação como sendo:

Uma atividade educacional que objetiva revelar significados e relações através da utilização de objetos originais, de experiência de primeira mão, bem como de mídia ilustrativa, ao invés de simplesmente comunicar informações factuais.

Depois de Tilden, pôde-se observar que foram dados diferentes enfoques na Interpretação do Patrimônio.

Na Grã-Bretanha, em 1960, deu-se início a um trabalho de valorização de áreas rurais, parques e reservas naturais e até o final da década o enfoque estava basicamente voltado para a comunicação. Pensava-se que o público só seria sensibilizado se tivesse sido tocado por uma comunicação interessante, que despertasse assim o interesse na preservação dos

recursos interpretados. Na década de 1970 a prática da interpretação evoluiu para monumentos, edifícios e sítios históricos. O enfoque da interpretação do patrimônio voltou-se para o planejamento, provavelmente como consequência do aumento do interesse em atividades recreativas dentro dos parques nacionais. Desta forma, surgiu a necessidade de se planejar e de integrar programas de interpretação do patrimônio nos planos de manejo dos parques nacionais (MURTA; GOODEY, 2002).

E em 1980 o patrimônio começou a ser trabalhado numa perspectiva integral, criando atrações históricas e culturais para um mercado consumidor crescente. Atualmente a interpretação do patrimônio é fundamental para o desenvolvimento de uma região que possua alguma atividade turística e o enfoque dado à interpretação do patrimônio é para atingir de maneira eficaz o público a que se destina. Ou seja, pretende-se avaliar o planejamento das atividades de acordo com o perfil do visitante para que o resultado seja o melhor possível (MURTA; GOODEY, 1995).

A interpretação tem como foco despertar o interesse dos visitantes, onde os conteúdos das mensagens devem se relacionar com a vida deles. Seu propósito deve ir além da entrega da informação e do mero fato da visita, deve contribuir para a prevenção e a solução de problemas sociais, ambientais e de patrimônio, produzindo mudanças nos âmbitos cognitivos, afetivos e comportamentais, por meio de mudanças que provoquem um efeito que perdure nos visitantes (MORGAN, *et al.* 1997; MORALES, 2000).

Para Wagar (1976) a interpretação não será efetiva, a menos que atraia e mantenha a atenção dos visitantes, que este, entenda e retenha informações e que graças a essas o visitante adote uma atitude positiva, observando-se nele uma mudança permanente de comportamento.

Uma situação ideal converte a interpretação em um instrumento muito útil, pois em um curto período de tempo de uma visita não é provável que os visitantes estabeleçam vínculos afetivos ou cheguem, por conta própria, a uma conexão com o lugar que estão visitando. O público deve, portanto, receber certa ajuda para que possa compreender e desenvolver atitudes e comportamentos (HOLTZ, 1976 *apud* MURTA; ALBANO, 2002).

O propósito da mensagem interpretativa é inspirar e provocar os visitantes para que amplie seus horizontes. Estas são dicas, pistas chaves ou elementos de juízo, entre outros, que produzidas mediante o emprego de técnicas de comunicação efetivas e precisas, e de uma estratégia de planejamento e “*design*” visam permitir mensagens impactantes e significativas, considerando que a essência da interpretação é a mensagem, ainda que o meio de comunicação utilizado e o entorno também desempenhem um papel importante (MIRANDA, 2002).

Para o produto turístico a interpretação é um componente essencial, sobretudo quando se apoia na cultura e em paisagens essenciais, ela possibilita aos visitantes conhecer e apreciar mais os lugares, podendo levá-los a prolongar sua permanência e estimular novas visitas (MURTA; ALBANO, 2002). Para que a comunicação seja efetiva com base nos princípios de Tilden, Miranda (2002) propõe os seguintes passos:

- A interpretação deve provocar atenção, curiosidade ou interesse na audiência. Se não atraímos a atenção, dificilmente poderemos transmitir uma determinada mensagem, ou algum conteúdo ao público visitante. Este é o primeiro passo;
- Deve relacionar-se com a vida cotidiana do visitante, conectando-se com o “eu” e com os seus esquemas mentais, para que este “personalize” a informação que recebe e a entenda como algo útil e de interesse pra ele;
- Deve revelar a essência do significado do lugar ou do objeto, uma vez que nem sempre se pode transmitir ao visitante tudo o que se sabe sobre um determinado sítio ou fenômeno (natural e cultural);
- Deve unir as partes em um todo. Cada lugar pode apresentar diferentes aspectos e conter muitos detalhes que terão que se inter-relacionar para transmitir uma ideia coerente;
- É uma arte que deve produzir impacto no público. Isso significa que além de transmitir significados, devem-se produzir sensações e emoções. E os responsáveis pela interpretação devem aplicar as técnicas disponíveis, com grande dose de criatividade, para “tocar” as pessoas.

O trabalho interpretativo deve ser de ótima qualidade, através de programas e infraestruturas bem concebidas e a incorporação de novas tecnologias nos programas de interpretação são úteis para melhorar a sua qualidade, mas devem ser utilizadas com precaução e as informações devem ser sintetizadas e fundamentadas em uma boa investigação.

A interpretação deve apresentar um tema proposto completo e deve ser dirigida para todos devendo aplicar enfoques diferentes. Os intérpretes devem pesquisar a história do local para reviver o passado, fazer com que o presente seja mais prazeroso e que o futuro adquira um maior significado.

Desta forma, nosso trabalho visou avaliar o entendimento a respeito do conceito, princípios e práticas da interpretação da natureza por agentes envolvidos na cadeia do ecoturismo no estado do Mato Grosso.

Metodologia

A fim de reunir dados e informações sobre as atividades de interpretação da natureza realizadas em práticas ecoturísticas, foi formatado um questionário estruturado *online* (*Google Docs*), contendo nove questões, com quatro alternativas de resposta: Sim; Predominantemente sim; Predominantemente não; Não.

Para composição do questionário buscou-se formular apontamentos coerentes e afirmações negativas pautadas em 9 (nove) princípios da interpretação da natureza segundo Tilden (1957) e Murta e Goodey (2002), para desta forma inferir o real conhecimento e utilização dos princípios de interpretação no desenvolvimento de atividades sensibilizadoras em práticas ecoturísticas. Também foram utilizadas questões para conhecer o perfil dos respondentes, como sexo, idade, Cidade/UF e locais de desenvolvimento das atividades.

A efetividade do questionário - analisada por meio da coerência na formulação das perguntas - foi aferida através de teste metodológico

aplicado com envio via *email* a 10 (dez) condutores de ecoturismo do sul do estado de Minas Gerais, realizado no início do mês de julho de 2013.

Para coleta definitiva de dados, realizou-se a mesma metodologia de envio, porém, a um *mailing* extraído do Cadastur, por este ser o sistema de cadastro de pessoas físicas e jurídicas que atuam no setor do turismo e permitir o acesso a diferentes dados sobre os prestadores de serviços turísticos regularmente cadastrados, tendo assim o acesso aos dados completos desses prestadores, do qual foi extraído apenas os respectivos endereços eletrônicos. Foram consultados durante o mês de julho de 2013, no site - www.cadastur.turismo.gov.br - todos os prestadores de serviços turísticos cadastrados como guias de turismo no item “atividades”, e que relataram atuar no segmento de ecoturismo no estado do Mato Grosso.

O envio do *link* para o questionário se deu em agosto de 2013, ressaltando a solicitação de retorno com prazo de 15 dias, totalizando assim, um período de 30 dias de aplicação do método. Sendo que este método de coleta de dados pode ser classificado segundo Mattar (2008) como questionário auto-preenchido, em que o pesquisado lê o instrumento e o responde diretamente sem a intervenção do entrevistador.

Os dados coletados foram analisados em porcentagem a fim de compreender os entendimentos dos respondentes acerca dos 9 (nove) princípios da interpretação.

Resultados e Discussão

A amostragem deste trabalho envolveu 30 guias com registro no Cadastur como profissionais atuantes no segmento de ecoturismo no estado do Mato Grosso, onde obtivemos um retorno de 10 (dez) respondentes, equivalendo a 33.3% do total.

Dos respondentes, 50% do sexo masculino e 50% feminino, com idades entre 28 e 50 anos, provenientes de Cuiabá, Chapada dos Guimarães e Várzea Grande. Os mesmos descreveram realizar atividades de ecoturismo no Parque Nacional da Chapada dos Guimarães, Pantanal, Caverna Aroe Jari, Cuiabá, Atrativos particulares em Chapada dos Guimarães e Nobres.

Quando questionados se as informações fornecidas durante suas atividades ecoturísticas têm por objetivo direcionar os visitantes/turistas para uma conscientização sobre o ambiente, 56% responderam que sim, 22% que predominantemente sim e 22% predominantemente não, fato este que demonstrou corroborar com o primeiro princípio da interpretação segundo o autor, onde, o primeiro princípio nos diz que qualquer interpretação que não relacione de alguma forma, o que está sendo exibido ou descrito com algo dentro da personalidade ou experiência do visitante será estéril, ou seja, deve-se sempre focalizar os sentidos do visitante, de forma a estabelecer a conscientização pessoal sobre determinadas características do ambiente.

Oliveira (2003) afirma ainda que a interpretação tem como objetivo divulgar o patrimônio cultural e ambiental de uma região, estimular a reflexão sobre as transformações recentes no espaço e propor novos usos do território ligados ao lazer, turismo cultural e de natureza.

Já quando questionados se durante atividades práticas as informações são importantes em si, repassadas objetivamente, sem provocar o despertar de significados subjetivos pelos sentidos, 22% responderam que sim, 33% que predominantemente sim e outros 44% não. Evidenciando que grande parte (55%) não pratica o segundo princípio da interpretação que nos diz que as informações, como tal, não é interpretação. A interpretação é uma revelação baseada na informação, mas estas são coisas completamente diferentes, no entanto, toda interpretação inclui informações. Em suma, devem-se revelar sentidos com base na informação e não apenas informar. Ou ainda, a interpretação é a arte de explicar o significado de um local ao público que a visita de maneira a inculcar a mensagem de conservação do ambiente (ALDRIDGE, 1975).

Sobre a existência de utilização de métodos e ou ferramentas ligadas à arte de comunicação e outras artes como práticas comuns durante o desenvolvimento de atividades, 50% responderam sim, 38% que predominantemente não e 12% não. Esta característica demonstra que para a maioria a interpretação é uma arte que combina muitas artes (visuais, de animação), sejam os materiais apresentados científicos, históricos ou arquitetônicos.

Quando questionados se as informações passadas aos visitantes/turistas são instruções diretas, sem provocação ou estímulos a curiosidade por busca de informações mais aprofundadas, 32% relataram que sim, 44% que predominantemente sim, 12% predominantemente não e 12% não, indo em sentido contrário ao proposto por Tilden, onde o principal objetivo da interpretação não é a instrução, mas sim a provocação estimulando a curiosidade do visitante, encorajando a exploração mais aprofundada do que está sendo interpretado. Para a *National Association for Interpretation* (2000), a interpretação é um processo de comunicação que produz ligações emocionais e cognitivas entre os interesses do público e os significados inerentes ao recurso.

Para o quinto princípio, onde foi questionado se nas atividades, a realidade é segmentada para que as informações apresentem o contexto local em partes, 56% responderam sim, 22% que predominantemente sim, 11% predominantemente não e 11% não, onde podemos verificar novamente a não utilização da interpretação para apresentar o todo como descrito pelo referido princípio, pois a interpretação deve ter como objetivo oferecer uma história completa ao invés de uma parte dela.

Segundo todos os respondentes (78% sim e 22% predominantemente sim), a linguagem utilizada durante a atividade é direcionada ao perfil da maioria dos visitantes/turistas no grupo. De acordo com Tilden, a interpretação dirigida as crianças não deve ser uma diluição da apresentação para adultos, mas deve seguir uma abordagem fundamentalmente diferente levando em conta essa necessidade especial. Para se atingir um nível ótimo, são necessários programas separados, pois precisa-se ser acessível ao público o mais amplo possível.

Devido ao processo de modernização e à constatação de que com a globalização as culturas e o ambiente, de certa forma, passaram a ser padronizados, Tilden (1957) estabeleceu estes seis primeiros princípios da

interpretação. Esta exige profissionais que possam relacionar o binômio patrimônio e realidade, sabendo descortiná-los para os visitantes, aguçando a curiosidade destes, para que sempre queiram descobrir algo sobre o local visitado e, também, sobre a comunidade ali estabelecida. É importante, nesse contexto, provocar o pensamento do visitante, fazendo-o ter novas idéias e caminhos para apreciar mais e melhor o destino ecoturístico, o que se revela saudável para os sujeitos e para as atividades relacionadas ao turismo.

Para Araújo (2001) citado por Murta e Albano (2002), os turistas anseiam por ir além do que é normalmente mostrado dos lugares que visitam, não se satisfazem com conhecimentos superficiais e desejam penetrar nos bastidores dos lugares por onde andam. Não se distanciando dessa realidade, alguns estudiosos da atividade ecoturística passaram a conceber novos princípios relacionados à técnica de interpretação.

Com foco nestes “princípios modernos” da interpretação, foi questionado se as informações passadas são resultado de um planejamento em parceria com a comunidade local, estimulando a troca de conhecimentos, onde 44% relataram que sim, 12% que predominantemente não e 44% não. Sobre a adoção de abordagens abrangentes, ligando temas do passado, presente e futuro das áreas visitadas, realçando o contexto socioeconômico local junto às abordagens históricas, ecológicas, arquitetônicas, entre outras, 78% disseram que sim. E ainda, se a informação passada aos visitantes/turistas se refere àquilo que o condutor entende como verdade, sem destaques às diversidades culturais, 25% relataram que sim, 37% predominantemente sim, 25% predominantemente não e outros 13% que não.

Pôde ser constatado o não envolvimento da comunidade nas atividades desenvolvidas, contudo, é imprescindível sua participação nesse processo, tendo em vista que para se conseguir resgatar o patrimônio e dar início ao processo da interpretação é necessário o envolvimento comunitário, o que se demonstrou ainda não acontecer com efetividade. Percebeu-se ainda, que existe entre os respondentes a preocupação no despertar de curiosidade em descobrir algo sobre o local visitado e sua comunidade. Contudo, 62% apresentam informações entendidas como verdades universais, o que não se vincula ao ideal apresentado pelo último princípio da interpretação, que visa à troca de experiências e respeito aos diversos conhecimentos (tradicionais e científicos).

Para atingir a comunicação efetiva é necessário analisar o que será comunicado, o modo como será organizado, adaptado e emitido. O contexto influencia o significado das mensagens, onde a mesma pode ter significados diferentes dependendo de quem às recebe. A atividade interpretativa depende muito dos objetivos perseguidos (MORALES; GUERRA, 1996).

Os três princípios relacionados à técnica de interpretação concebidos por Murta e Goodey (2002) estabeleceram que seu início necessita de parceria com a comunidade, estimulando a troca de conhecimentos e recursos. Deve-se adotar uma abordagem abrangente, ligando os temas do passado, do presente e do futuro, realçando a dimensão socioeconômica ao lado das dimensões históricas, ecológicas e arquitetônicas, e não tentar

vender uma verdade universal, destacando-se ainda a diversidade e a pluralidade cultural, a fim de fomentar a aceitação e a tolerância como valores democráticos.

A procura por promover no público o sentimento de conexão à natureza através da sua transformação íntima em relação aos recursos naturais, sua compreensão e entendimento, na esperança de gerar interesse, consideração, respeito pela natureza e, conseqüentemente, pela vida (GUIMARÃES, 1998), demanda uma efetiva participação e interação com as comunidades receptoras e os ambientes. Desta forma, poderá ser alcançado um nível ótimo no desenvolvimento ecoturístico e no processo interpretativo de uma localidade.

Conclusões

A interpretação da natureza não é aplicada em sua totalidade pelos agentes da cadeia de ecoturismo, porque não há conhecimento e/ou entendimento do conceito em estudo, bem como sua fundamentação teórica e experiências de capacitação para o desenvolvimento nas atividades práticas. E quando aplicada não há clareza da fundamental importância de um programa interpretativo.

A Interpretação ainda não é trabalhada com efetividade nas atividades ecoturísticas, apresentando divergências no conceito e na aplicação por profissionais da área. Acredita-se na necessidade de maior divulgação e aplicação de treinamentos para profissionais da área de ecoturismo.

A pesquisa via questionários online não despertou o interesse em contribuições por parte dos profissionais amostrados pelo Cadastur, demandando necessidade de adaptações metodológicas a fim de atingir um maior público amostral, contudo evidenciou coerência em sua elaboração e a necessidade de expansão para outras localidades.

Referências bibliográficas

ALDRIDGE, D.. **Guide to Countryside Interpretation**. HMSO for Countryside Commission and Countryside Commission for Scotland. 1975.

GUIMARÃES, S.T.L. Trilhas Interpretativas: a aventura de conhecer a paisagem. **Ambiente e Sociedade**, n.5, 1998.108-110p.

MATTAR, F.N. **Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento**. São Paulo, 6ª Ed.: Atlas, 2008.

MIRANDA, J.M. O processo de comunicação na interpretação. *In*: KURTA, S.; ALBANO, C. **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**-. Belo Horizonte, Ed. UFMG: Território Brasília, 2002.

MORALES, J. Claves para lainterpretacion Del Patrimonio: um Valioso Apoyo a La Gestión. **Gestión Ambiental**, n. 6, Chlie, 2000.

MORALES, J.; GUERRA, F. **Uso público y Recepción en Espacios Naturales Protegidos**. *In*: Seminario Permanente de Educación Ambiental en Espacios Naturales Protegidos, Secretaría General de Medio Ambiente - M.O.P.T., Sevilla, 1996.

MORGAN, J.M.; ABSHER, J.; LOUDON, B.; SHUTERLAND, D. La efectividad relative de programas interpretativos dirigidos por naturalistas jovens y adultos en un bosque nacional. **Investigaciones em interpretacion**. USA, v.2, n.1, pp. 9-18, 1997.

MURTA, S.M.; GOODEY, B. **Interpretação do Patrimônio para o turismo sustentado** – um Guia. Edição SEBRAE/MG, 1995.

MURTA, S.M.; GOODNEY, B. Interpretação do patrimônio para visitantes: um quadro conceitual. *In*: MURTA, S.M.; ALBANO, C. (Orgs.). **Interpretar o patrimônio**: um exercício do olhar. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Território Brasilis, 2002.

MURTA, S.M.; ALBANO, C. **Interpretar o patrimônio**: um exercício do olhar. Belo Horizonte. Ed. UFMG. Território Brasilis. 2002.

OLIVEIRA, C.. Passeios de Primavera: percursos pedestres na interpretação e valorização das paisagens rurais. *In*: SIMÕES, O.; CRISTÓVÃO, A. (Orgs.). **Turismo em Espaços Rurais e Naturais**. Edições IPC- Inovar Para Crescer. Instituto Politécnico de Coimbra, Coimbra. p. 127-134, 2003.

TILDEN, F. **Interpreting our Heritage**. University of North Carolina Press, North Carolina.1957.

THE NATIONAL ASSOCIATION FOR INTERPRETATION (US) <http://www.interpnet.com/>. 2000.

WAGAR, J. A. Evaluating the effectiveness of interpretation. **Journal of interpretation**. Lakota, USA, v.3, n.2, pp.33-37, 1976.

Vinícius do Couto Carvalho: Universidade Federal de Lavras. Lavras, MG, Brasil.

E-mail: ecosdoturismo@gmail.com

Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6275361882097842>

Flora Ferreira Camargo: Universidade Federal de Lavras. Lavras, MG, Brasil.

E-mail: floracamargo@hotmail.com

Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6013803836341301>

Marco Aurélio Leite Fontes: Universidade Federal de Lavras. Lavras, MG, Brasil.

E-mail: fontes@dcf.ufla.br

Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6809021495935047>

Data de submissão: 27 de abril de 2015

Data de recebimento de correções: 11 de novembro de 2015

Data do aceite: 11 de novembro de 2015

Avaliado anonimamente